

O poetinha e os poetinhas p.4

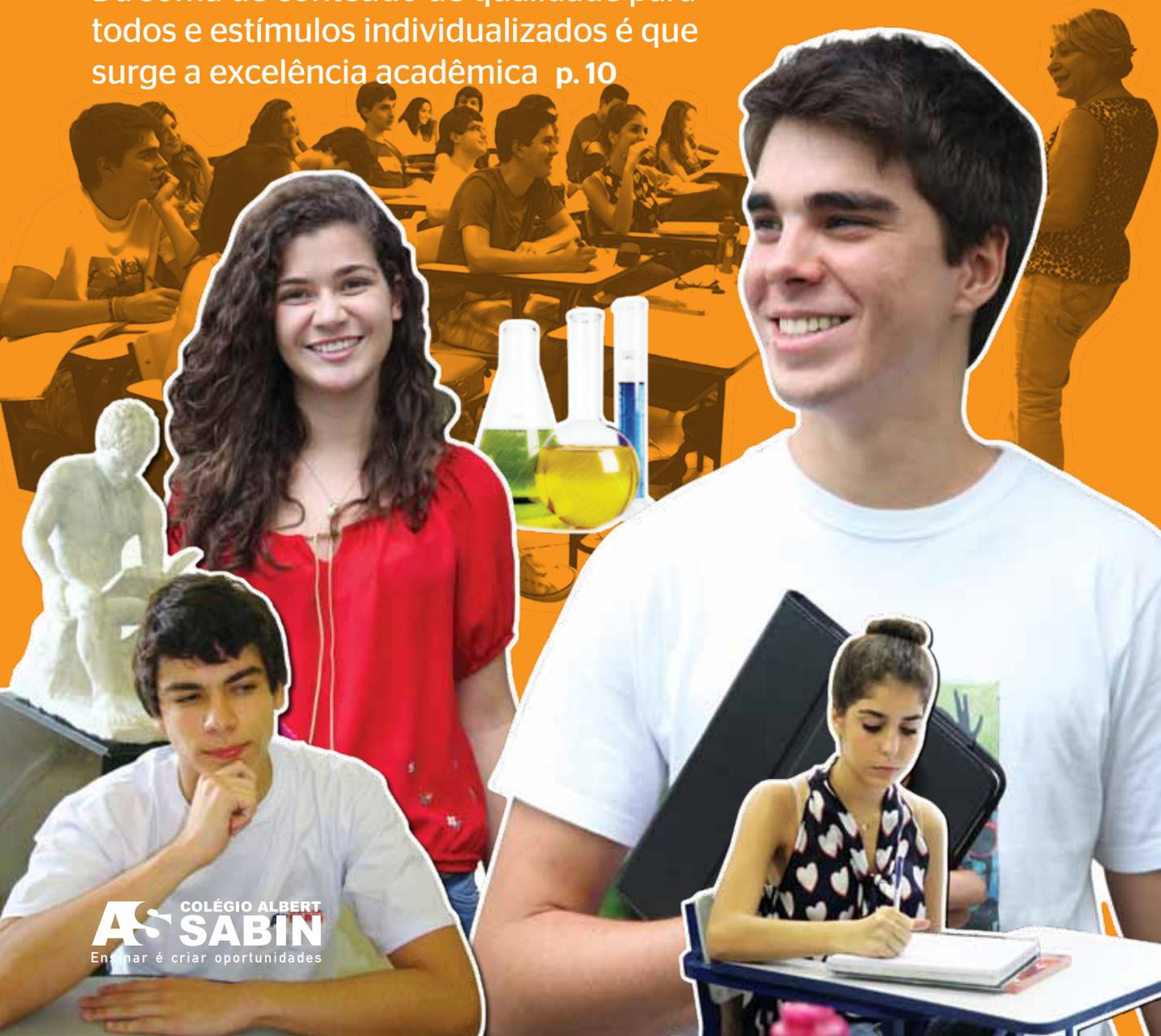
Vencendo a insegurança p. 6

Onde o conhecimento ganha vida p. 8

Certificando o seu futuro p.12

A chave da excelência

Da soma de conteúdo de qualidade para todos e estímulos individualizados é que surge a excelência acadêmica p.10



20 anos de Sabin: orgulho e gratidão

Em outubro deste ano, o Colégio Albert Sabin completará vinte anos de existência. É curioso como o tempo assume proporções diferentes dependendo do contexto. Para nós, educadores (principalmente os que aqui estão desde o início), vinte anos é uma longa jornada. Para alguns alunos concluintes do Ensino Médio, os que estudam conosco desde a Educação Infantil, é quase uma vida inteira. Para o universo de instituições de ensino de São Paulo, porém, somos uma escola ainda bastante jovem.

Mesmo assim, creio não exagerar quando digo que esse “pouco tempo” foi o suficiente para que o Sabin se consolidasse como uma escola bastante interessante, certamente uma entre as melhores da cidade. Perdoem o sentimento, mas, como fundador e mantenedor do Colégio, não tenho outra coisa senão orgulho pelo que construímos.

Tento ser objetivo na avaliação. Considero grandes acertos nossos programas de idiomas e de esportes e cultura, por meio dos quais implementamos princípios fundamentais da nossa proposta pedagógica. Visito outras escolas, procuro conhecer suas propostas e identificar suas qualidades e sei que nosso ensino de Inglês e de Espanhol nos coloca acima da média, assim como sei que o Programa

Sabin+Esportes&Cultura é de uma robustez e de uma consistência pedagógica incomuns.

Quanto à qualidade do ensino, em termos de prática e de conteúdo, noto que a matéria de capa desta edição já aborda o tema da Excelência Acadêmica – outro princípio fundamental nosso. Mas quero complementar a matéria com dois pontos que fazem toda a diferença em nosso trabalho.

O primeiro diz respeito ao AB Sabin, nossa “escola-irmã”, dedicada exclusivamente à Educação Infantil, que está completando cinco anos em 2013. Como fonte de novos alunos para o Ensino Fundamental do Sabin, o AB Sabin nos ajuda a manter um equilíbrio no nível de desempenho das turmas dos anos iniciais – algo que era mais difícil de obter quando, sozinha, a Educação Infantil do Sabin era insuficiente para formar uma turma do 1º ano –, o que é pedagogicamente mais produtivo.

O segundo ponto é ainda mais importante: a participação das famílias. Nossos pais não são clientes, são parceiros. Participam ativamente da construção do Sabin. Propõem ideias, criticam, dialogam. Acreditam no projeto. Não tenho dúvidas de que essa é a maior razão dos nossos resultados – e meu maior motivo de orgulho.

Por isso, neste aniversário de vinte anos, mais adequado que lhes pedir os parabéns será oferecer-lhes meus sinceros agradecimentos.

Não tenho dúvidas: a participação das famílias é nossa maior conquista.



Gisvaldo de Godoi
Mantenedor do Sabin
godoi@albertsabin.com.br



MENOS PAPEL, MAIS AGILIDADE

Sabin conclui projeto de digitalização das Circulares.

Em 2012, no intuito de agilizar a comunicação com as famílias, de forma sustentável, o Sabin passou a enviar Circulares aos pais apenas via e-mail. No que dizia respeito ao Programa Sabin+Esportes&Cultura, porém, o grande fluxo de informação passada apresentava um desafio. Assim, como explica a gerente de Comunicação e Marketing do Colégio, Adriana Vaccari, a meta de eliminar os papéis teve de ser dividida em duas etapas. “Se o projeto desse certo nas demais áreas de comunicação, nós o implantaríamos no Programa”, diz. (A comunicação do AB Sabin também ficou para a segunda etapa.) Este ano, finalmente, o projeto está concluído – gerando uma economia estimada de até 250 mil folhas de papel por ano. A aceitação das famílias, segundo pesquisas, é positiva. “Agradecemos aos pais por essa parceria”, diz Adriana. O planeta também agradece.

EXPEDIENTE Colégio Albert Sabin Ltda. Av. Darcy Reis, 1.901 – Pq. dos Príncipes – São Paulo – SP – Tel.: (11) 3712-0713 – www.albertsabin.com.br – Sabin Mais Cultura e Informação é o órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin Mantenedores: Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima Direção: Giselle Magnossão Marketing: Adriana Vaccari Colaboradores: Aúra Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, José Roberto Ramalho Pinto, Laércio Carrer Diagramação e Arte: Giovanna Angerami Redação: Alexandre Bandeira, Adriana Nakamura Jornalista Responsável: Alexandre Bandeira MTB 49.431 Produção Gráfica: Ricardo Gomes Moisés Fotografia: Divulgação Sabin, Júlia Salles, Paulo Barcelos Revisão: Adriana Duarte, Angela Maria Folloni de Souza Impressão: Flor de Acácia Esta é uma publicação da Barutina Comunicação – Tiragem de 5.000 exemplares – Distribuição gratuita – Abril de 2013

Antiético é não tomar partido

Professor de Ética da USP diz que a grande questão contemporânea é o medo de enfrentar situações difíceis. Escola deve incentivar a encarar problemas.

A vida não costuma poupar ninguém de situações de difícil escolha. Diante de duas possibilidades de ação, pesamos prós e contras, os impactos e as consequências de cada uma, mas não chegamos a uma resposta definitiva. O que é o certo? O que é o errado? Existe um certo e um errado? Para quem? Agir de acordo com a sociedade é o caminho da Moral (conjunto de regras recebidas, como costumes ou leis), mas não necessariamente o caminho da Ética (conjunto de regras baseadas na Razão). Reflexões como essas ocupam a mente do homem há milênios e, segundo defende o filósofo RENATO JANINE RIBEIRO, devem continuar existindo. Para ele, agir eticamente pode ser um exercício árduo – é preciso discutir, refletir, esforçar-se –, mas é um exercício necessário, que deve ser aprendido e estimulado desde cedo. Professor de Ética e Filosofia Política da USP, Ribeiro aceitou o convite do Sabin para abrir o Ciclo de Palestras 2013, no dia 11 de abril, e concedeu uma entrevista sobre o assunto ao MAIS.



Como contornar essas dificuldades?

A palavra justamente não pode ser “contornar”. As pessoas precisam enfrentar as situações ruins e suas consequências. Nos tempos de ditadura, teve gente que perdeu a própria vida por suas decisões. As represálias são menores hoje, porém o *glamour* da defesa dos ideais acabou. No livro *A Casa da Rússia*, de John le Carré, um personagem diz: “Hoje, para ser ético, é preciso ser herói”. Mas como dispor-se a ser herói quando se tem contas a pagar e quando, além do mais, o heroísmo parece ter perdido a atração? Assim, as pessoas perderam

a disposição para enfrentar situações difíceis.

Qual o papel da escola na formação ética?

A escola é um dos grandes espaços de educação ética. Ela não pode substituir os pais, pois eles são os primeiros responsáveis pela ética dos filhos, dando bons exemplos. Mas a família não é suficiente, porque ela tem suas próprias convicções, e a ética tem de vir de uma abertura [para a reflexão e para o questionamento]. Os pais podem ensinar, mas não devem impor. Então, é preciso ter um espaço público, que é o da escola e do conhecimento, para que a pessoa possa ver opções e escolher o que é bom para ela. Quando a escola mostra vários lados de uma questão, desempenha um papel ético fundamental.

Como a escola pode evitar o risco de impor o certo e o errado?

A escola tem de estar aberta e mostrar que existem posições diferentes. O professor tem de dizer: “Ali está o problema, você pode agir de diversas maneiras para resolvê-lo. Todas podem ser efetivas, mas nenhuma é, necessariamente, a única”. O importante é ter a meta de resolver esse problema. Ignorar uma questão é que seria antiético.

Como os tempos atuais influenciam a nossa ética?

Os costumes mudam ao longo do tempo, mas isso não pode ser relativizado a ponto de se dizer que as pessoas são éticas conforme as regras do seu tempo. Quando falamos em Ética, falamos em algo que está no horizonte do Bem e do Mal.

O que é necessário para agir eticamente?

Não é uma coisa trivial. Demanda um esforço muito grande. É preciso discutir, refletir, esforçar-se. Mas as pessoas preferem ser orientadas e receber definições prontas sobre o que é certo ou errado a encarar suas próprias decisões. Há muito pouca disposição para o enfrentamento de si. Uma decisão ética defende aquilo em que você acredita e, muitas vezes, pode levar a prejuízos, como a perda do emprego, por exemplo.

O poeinha e os poeinhas

No centenário de Vinicius de Moraes (1913-1980), alunos do 2º ano descobrem o encanto de *A Arca de Noé*, aprendem sobre a língua portuguesa e escrevem seus primeiros poemas.

Pode procurar: em nenhum estado, em nenhuma cidade, em nenhum bairro existe uma rua chamada Rua dos Bobos. E, no entanto, há mais de três décadas essa rua é visitada por gerações de crianças, que sabem que ali, no número zero, existe uma casa muito engraçada. No início deste ano, foi a vez de os alunos do 2º ano do Fundamental do Sabin conhecerem esse lugar.

“Construída” por Vinicius de Moraes, a casa sem teto, sem chão e sem nada faz parte de uma obra literária e musical conhecida por todos: o projeto *A Arca de Noé*, que dá nome a uma coletânea de poemas infantis, publicada na década de 1970, e a dois álbuns com versões musicadas desses poemas, lançados nos anos de 1980 e 1981. Vinicius, que morreu meses antes de o primeiro disco chegar ao mercado, não pôde ver o sucesso que sua obra alcançaria. Se estivesse vivo hoje, aos 100 anos de idade, veria crianças de 6 e 7 anos cantando ainda as mesmas trapalhadas de um pato pateta, as mesmas desventuras de uma foca desengonçada, o mesmo tédio de um relógio cansado de só fazer tique-taque, entre outras histórias de bichos e objetos que encantaram seus pais no passado.

“É uma obra mágica, não tem explicação; não existe outro livro que toque uma criança dessa idade como *A Arca de Noé*”, diz Karla Ramos, Orientadora Educacional de Língua Portuguesa para a Educação Infantil e o Ensino Funda-

mental I do Sabin. No Sabin, *A Arca de Noé* é utilizada durante o primeiro trimestre letivo do 2º ano, para trabalhar poemas, o segundo gênero textual que os alunos aprendem a identificar e a produzir em sua vida escolar, depois de passarem a Educação Infantil e o 1º ano trabalhando contos acumulativos e de repetição. Karla explica que, do 2º ao 5º ano do ciclo Fundamental, o projeto pedagógico elege um gênero textual para trabalhar de forma mais intensiva a cada trimestre, numa série de complexidade crescente que passa por narrativas, crônicas e chega até mesmo a editoriais e artigos de divulgação científica. “Desde que implantamos esse sistema no Sabin, há cerca de sete anos, já mudamos algumas vezes a bibliografia utilizada para

ILUSTRAÇÃO POR
CAROLINA RANDO, 2º ANO G



cada um dos gêneros trabalhados”, diz a Orientadora. “A única obra que permanece até hoje é *A Arca de Noé*.”

Do ponto de vista de leitura e compreensão de texto, o gênero poema – e os poemas de Vinicius, em particular, com suas versões musicadas – apresenta um equilíbrio interessante entre facilidade de assimilação e riqueza de conteúdo. “A primeira coisa que chama a atenção dos alunos são as rimas”, diz Karla. A linguagem poética oferece, ainda, possibilidades de interpretação de sentidos não explícitos no texto (o que significa, por exemplo, dizer que o pato “foi pra panela”?) ou mesmo de sentidos ilógicos (a existência de uma casa inexistente). Versos e estrofes, além do mais, ajudam as crianças a visualizar ritmo e estrutura do texto – um primeiro passo para o aprendizado de parágrafos, ferramenta básica para ordenação de ideias e redação mais à frente.

Já do ponto de vista de produção de textos, as frases simples de *A Arca de Noé* proporcionam exercícios instrutivos, como os que utilizam a técnica do decalque. “Os alunos criam um

novo texto, a partir do poema original, substituindo termos”, explica a Coordenadora Pedagógica Dionéia Menin. Assim, do verso *Quer ver a foca ficar feliz* podem surgir *Quer ver a professora ficar triste* ou *Quer ver a escola ficar bonita*. Ao final do trabalho, cada turma compôs o decalque coletivo de um poema. Para os meninos e meninas, a técnica representa muito: os primeiros textos escritos de sua autoria.

E a ocasião não passa sem a devida celebração. Como já virou tradição no Sabin, no fim do trimestre, os alunos do 2º ano reúnem-se na Biblioteca para um sarau, no qual declamam poemas em grupo e trocam ilustrações inspiradas nos seus decalques. “Nesse dia, a Biblioteca é fechada só para eles, colocamos almofadas e montamos um palquinho”, diz Dionéia. As professoras propõem jogos e brincadeiras, como pedir que descubram rimas para palavras sorteadas. E, todo ano, a alegria é a mesma.

De algum ponto no céu (único lugar onde as portas vivem abertas para todos, como ensina o poema *A Porta*), um poeinha está sorrindo.



PORQUE A BUZINA NÃO É A MELHOR RESPOSTA

Um dos maiores problemas do paulistano é o trânsito. Mas, à frente do volante e em meio ao caos, quem se lembra de que a responsabilidade é de todos? É sempre bom, portanto, aproveitar um momento de calma para ressaltar a importância das regras de segurança e da boa convivência no trânsito. É por isso que o Sabin convida as famílias a se envolverem na **campanha trânsito+educado**. Assim como em anos anteriores, os alunos participam de projetos pedagógicos adequados para cada faixa etária, e as famílias recebem adesivos com a mascote da campanha. Para a Diretora Pedagógica do Sabin, Giselle Magnossão, o impacto imediato da ação é um entorno mais seguro e uma convivência mais respeitosa entre todos. Mas, a longo prazo, ela acredita que a campanha vá mais longe. “Esperamos que essa experiência permita que nossos alunos se tornem motoristas mais conscientes, assumindo, quando adultos, uma postura responsável que prioriza o companheirismo, a tolerância, o comprometimento e a solidariedade. No trânsito e na vida”, diz Giselle.

Vencendo a insegurança

Ensino Fundamental II, uma fase de transição marcada por responsabilidades crescentes e angústias.

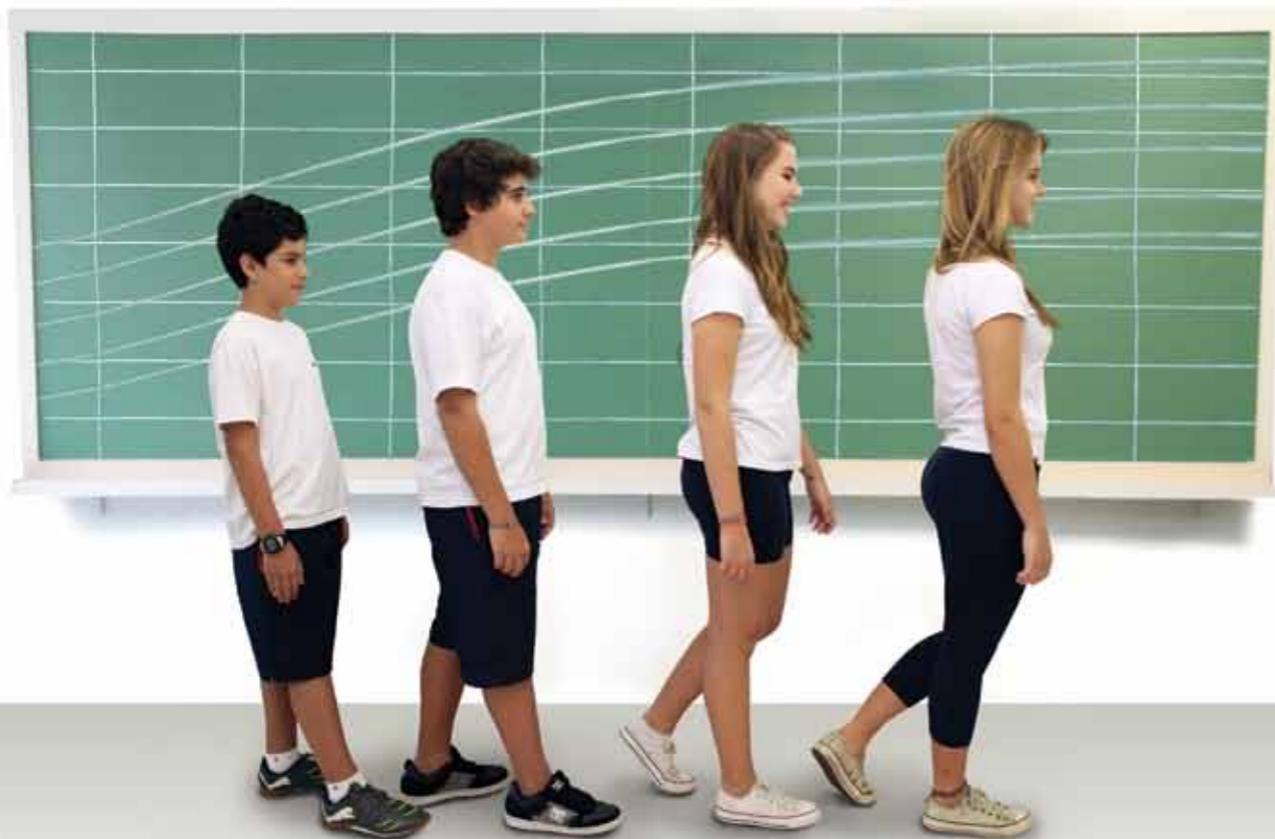
Do 6º ao 9º ano:
Nathan Framba,
Cesar Origa,
Manuela Assis e
Giovana Bregaglio
atravessam a fase
de inseguranças
do Fundamental II.

Nathan Framba parece entusiasmado. Aos 11 anos, ele inicia o ciclo II do Ensino Fundamental, que vai do 6º ao 9º ano, e já comemora algumas mudanças da nova fase escolar. “A gente tem mais aulas de laboratório, os professores usam mais o computador nas aulas, a Educação Física é separada entre meninos e meninas...”, enumera. E não menos importante: “A gente não tem mais de fazer fila para ir aos lugares! No 5º ano, era sempre fila. Agora, posso andar do lado de um amigo, posso ir sozinho à aula de Inglês, que fica no outro prédio.”

Aluna do 9º ano, **Giovana Bregaglio** ouviu Nathan falar e não contém um sorriso nostálgico de quem já passou por isso e se lembra de ter sentido as mesmas alegrias. É também o sorriso

de quem sabe que autonomia é uma via de mão dupla: se, por um lado, libera o aluno da obrigação de uma fila, por outro, cobra do aluno tomar decisões por conta própria e agir sem a condução de um adulto. Uma responsabilidade que pode assustar – e que faz do Ensino Fundamental II a etapa mais delicada da Educação Básica.

“Nesse ciclo, tudo é transição”, diz Laércio Carrer, Coordenador Pedagógico do Fundamental II. “Na escola, o aluno começa a assumir novas responsabilidades. Emocionalmente, ele se encontra na pré-adolescência: não se sente mais criança, mas também não se sente adulto. Tudo isso gera insegurança. Capacitar nossos alunos para lidar com esse sentimento é um dos nossos principais objetivos.”



Para um aluno do 6º ano, como Nathan, um dos maiores impactos vem na grade curricular: de repente, disciplinas e professores parecem se multiplicar. Matemática divide-se em aulas de Aritmética e Geometria, Língua Portuguesa faz par com aulas de Redação, e a vantagem de ter um mesmo professor dando aulas de disciplinas diferentes deixa de existir: “Por exemplo, antes, você podia aproveitar para tirar dúvidas de História na aula de Geografia, porque a professora era a mesma; agora, você tem de esperar”, diz Nathan. A mudança, no entanto, não é apenas de ordem prática: enquanto no 5º ano a figura do professor regente (responsável por várias disciplinas) estabelece um forte vínculo com a turma, no 6º ano, os alunos precisam se acostumar com o fato de que, a cada 45 minutos, um novo professor dá início a outro conteúdo, com um jeito próprio de ensinar.

“É uma rotina mais ágil, porém mais rígida, pois exige uma disciplina escolar mais intensa”, diz Laércio. “Fazer uma prova, por exemplo: se antes o aluno podia terminar a prova no seu tempo, agora ele tem os 45 minutos da disciplina. No 6º ano, ainda há uma certa flexibilidade: se o aluno precisar, ele tem a prerrogativa de completar a prova numa sala à parte. Mas aos poucos o aluno vai se adaptando às necessidades do segmento.” Iniciativas como o projeto Postura de Estudante – que o Sabin implementa no Fundamental II – auxiliam bastante nesse momento, com orientações para que o aluno aprenda a se organizar, a trazer para o Colégio o material necessário, de acordo com a programação do dia, a manter agenda e cadernos atualizados, etc.

Outra mudança em relação ao Fundamental I diz respeito à capacidade de interpretação de texto. No 9º ano, Giovana já pode falar por experiência: “A oralidade do professor vai se tornando mais importante, ele não anota no quadro tudo o que fala nem diz o que você tem de anotar. Você tem de descobrir o seu próprio esquema de resumo”. Segundo Laércio, “a tendência natural da criança é tentar decorar o conteúdo transmitido. Mas assimilar exige compreensão e interpretação, e, para isso, resumos são ferramentas fundamentais. O aluno começa acreditando que resumir é apenas suprimir palavras, e não é.” O coordenador explica que no 6º e 7º anos os professores dão fichas de resumo para os alunos – modelos que os ajudam, mais à frente, a encontrar a sua própria técnica de interpretação e de estudo.

Todas essas mudanças, naturalmente, cobram um preço emocional – e os educadores precisam estar preparados para isso. “A insegurança do aluno gera reações como oscilação de humor e de comportamento, alheamento, choro...”, diz Laércio. “O papel do educador é o de captar esses sinais, entender que são mecanismos de proteção e estar presente para amparar o aluno. É um trabalho forte de orientação emocional: talvez o mais importante do Fundamental II.”

Esse trabalho não elimina as inseguranças do aluno, mas o fortalece para enfrentá-las – como deve ser na vida, que sempre impõe novos desafios. Giovana, por exemplo, agora se vê às portas do Ensino Médio: “Imagino que o ritmo de estudos e a cobrança serão ainda maiores. Estou com medo, mas estou preparada”. Se tudo der certo, Nathan poderá dizer o mesmo quando chegar a sua vez.



ODE AO DIÁLOGO

Filme sobre 1ª Guerra faz refletir nas aulas de História do 9º ano.

Nos dias que antecederam o Natal de 1914, a Europa já estava há cinco meses numa guerra de escala até então sem precedentes no planeta: a 1ª Guerra Mundial. Em um campo de batalha na Bélgica, soldados alemães enfrentam britânicos e franceses, cada tropa em suas trincheiras. Até que uma coisa curiosa acontece: os inimigos decidem fazer uma trégua momentânea para celebrar o nascimento de Cristo. Essa história verídica inspirou o filme francês **Feliz Natal** (*Joyeux Noël*), ao qual as turmas do 9º ano assistiram em abril, nas aulas de História da professora Maria Isabel Fragoso. Para ela, além de oferecer um contexto mundial para a época da História do Brasil que o 9º ano vem estudando (a República Velha), o filme traz duas importantes conclusões: “Primeiro, mostrar que em todo conflito existem dois lados. E, segundo, que toda guerra deixa de fazer sentido, quando há disposição mútua para o diálogo.” Esta, uma mensagem que sempre será fundamental na construção de nossa humanidade.

Onde o conhecimento ganha vida

Oportunidade de vivenciar na prática o conteúdo aprendido, a saída pedagógica revela-se uma experiência transformadora.

A 265 km da capital paulista, na divisa com o Paraná, o município de Cananéia é destino turístico dos mais valorizados do mundo. Localizado numa região reconhecida pela Unesco como sítio de patrimônio histórico e natural da humanidade, Cananéia abarca ecossistemas terrestres e aquáticos riquíssimos. Lá estão um pedaço da Mata Atlântica que escapou da colonização predatória; um complexo estuarino (zona de encontro entre rio e mar, cuja vegetação mais conhecida é o mangue) com um dos maiores viveiros de peixes e crustáceos do Atlântico Sul; restingas com alguns dos mais antigos sambaquis (amontoados de conchas deixados por homens pré-históricos) já catalogados.

Mas você não precisa ler o **MAIS** para saber disso. Você pode perguntar para quem já foi a Cananéia. Você pode pesquisar na internet. Ou, se for aluno da 2ª série do Ensino Médio do Sabin, você pode ir até lá pessoalmente.

No final de maio, as turmas da 2ª série vão passar três dias e duas noites em Cananéia, numa saída pedagógica que vai proporcionar atividades relacionadas ao conteúdo de diversas disciplinas

em sala de aula. Como nas demais saídas do Sabin, a participação não é obrigatória. Mas todos os professores envolvidos nesses eventos garantem: a experiência de presenciar lições práticas do que aprendemos em sala de aula é incomparável.

“Não é só por aplicar a metodologia científica na prática”, diz o assessor de Biologia Aymar Macedo, que acompanhará a saída a Cananéia. “Quando você vai a um lugar desses, em vez de apenas ler a respeito, você passa a dar mais valor para ele e para as questões ambientais.” Aymar mostra-se entusiasmado ao falar sobre as atividades programadas para os alunos: “Eles vão presenciar uma pesca de arrasto no mangue. Vamos tentar coletar organismos estuarinos – caranguejos, peixes, camarões – em locais e horários distintos, para que eles percebam como os fatores físico-químicos do ambiente, como temperatura e salinidade, interferem no ecossistema.”

O assessor explica que a pesca terá a autorização dos órgãos ambientais responsáveis e que os organismos coletados serão trazidos ao Colégio para estudo no Laboratório de Biologia, nas aulas da professora Adriana Barolli.



Professor Aymar, de Biologia, vai aos mangues de Cananéia (SP) com a turma da 2ª série.

Adriana, por sua vez, não vai a Cananéia, porque estará acompanhando as 1ªs séries do Médio em outra saída pedagógica que acontece no final de maio. Destino: Petar, ou Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, a 320 km de São Paulo. Conhecido como o “Parque das Cavernas”, o Petar é outro exemplo de oportunidade única de viver, na prática, o que se aprende na teoria. “Inserir o aluno no ambiente faz toda a diferença, porque quem vai ganha uma percepção maior da complexidade dos nossos ecossistemas”, diz Adriana. Segundo ela, há cavernas no parque abertas exclusivamente para grupos escolares – não dá para ir com a família, por exemplo –, onde os alunos poderão ver bichos que só vivem lá dentro, como morcegos e peixes.

Isso tudo só para falar de Biologia, disciplina tradicionalmente envolvida nas saídas pedagógicas do Sabin. A partir deste ano, porém, a Coordenadora Pedagógica do Ensino Médio, Áurea Bazzi, quer tornar o processo mais rico, elaborando uma programação que envolva todas as demais. Como a Matemática, por exemplo. Segundo explica Dalson Graça, assessor de Matemática, a disciplina sempre foi usada nas saídas como ferramenta a

serviço de outras (para elaboração de gráficos de Física, por exemplo). Este ano, o Colégio buscou uma “maneira ótima de aproveitamento”: “No Petar, vamos trabalhar medidas inacessíveis. Como calcular a altura de uma montanha? Como medir a área de uma caverna? Em Cananéia, vamos trabalhar com a tábua de marés.”

Mas fixar o conteúdo transmitido em sala de aula não é o único resultado positivo das saídas pedagógicas. A professora do Laboratório de Química da 1ª série, Marcela Gaeta de Andrade, lembra que a saída ao Petar também envolve uma visita a uma comunidade remanescente de quilombo: “É uma região pobre, o menor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de São Paulo. Os alunos interagem com os quilombolas, almoçam lá, ouvem suas histórias... Isso é um grande estímulo ao pensamento crítico.”

Roseana Reis, professora de Educação Física, lembra também do reforço à socialização: “O grupo volta mais unido. Os alunos aprendem a respeitar o lugar que visitam, o saber e o meio ambiente local, e também passam a se respeitar mais entre eles mesmos.” E ainda garante: “Quem vai, volta encantado. Sem exceção.”



Já a professora Marcela, de Química, vai às cavernas do Petar com a 1ª série.



ALEXANDRE ANTONELLO

foi contratado no início do ano, mas já se tornou um dos professores mais próximos dos alunos do Ensino Médio. Ele não dá aulas, e sua sala é pequena, para atender alunos individualmente. Seu cargo é o de Orientador Educacional. Para exercê-lo, ele precisa ir além de palavras e conselhos e saber ouvir, observar – e procurar sorrisos.

Que faz o Orientador Educacional?

Auxílio na orientação disciplinar, na resolução de dúvidas e no apoio emocional aos alunos. **Por que os alunos o procuram?** Principalmente para buscar orientações sobre carreiras ou tirar dúvidas sobre vestibulares. Trago o máximo de informações, porque eles carecem disso e não sabem onde procurar. A maioria vem voluntariamente. Eu só os chamo quando apresentam problemas disciplinares ou percebo que o aluno está sem sorriso. Procuo observar se ele está bem. **Como conquista a confiança deles?** É preciso ouvi-los e respeitar suas opiniões. O fato de estar sempre disponível também ajuda. Com o tempo, cria-se um laço de amizade.

A chave da excelência

Para atingir a excelência acadêmica, o Sabin oferece conteúdo extremamente forte para todos – e fica atento às potencialidades individuais de cada aluno.

Dê a ele os ingredientes certos, e o aluno **Alexandre Marum**, da 3ª série do Ensino Médio, é capaz de fabricar biodiesel. Se você quiser, ele também pode produzir ácido acetilsalicílico, o princípio ativo da aspirina. Ele não é o único aluno do Sabin que detém esse conhecimento. Afinal, sintetizar biodiesel ou AAS é aprendizado básico para alguém que participa de Olimpíadas de Química, e Alexandre tornou-se medalhista já em seu primeiro ano como competidor (v. *quadro abaixo*). Esse resultado só foi possível porque, além da indiscutível vocação para a disciplina, Alexandre teve uma preparação acima da média, por meio dos módulos oferecidos pelo Colégio.

“O conteúdo é consistente, denso e em consonância com os programas organizados pela Associação Brasileira de Química”, diz Laércio Carrer, Coordenador Pedagógico do Ensino Fundamental II e responsável pelos módulos preparatórios para Olimpíadas Acadêmicas. “Ainda mais agora, que abrimos uma turma do Módulo de Química para os 9^{os} anos: no total, o aluno pode fazer quatro anos de Módulo até concluir o Ensino Médio.”

Para os alunos participantes, o benefício é inegável. Mas, mesmo para os demais, o fato de o Colégio investir em material pedagógico específico e horas a mais de trabalho dos professores, para atender apenas

uma parcela de seus alunos, significa muita coisa. Significa que, para o Sabin, a excelência acadêmica só é atingida quando cada aluno tiver a oportunidade de realizar o seu potencial. “Desde o início, sabíamos que propor ‘excelência acadêmica’ como um pilar fundamental implicaria um conteúdo consistente para todos, sim, mas também um olhar individualizado para o aluno”, diz Gisvaldo de Godoi, fundador e mantenedor do Colégio Albert Sabin.

Em quase vinte anos de atividade (serão completados em outubro), não são poucos os exemplos que fazem jus a esse discurso. Alguns são mais evidentes, como o Programa Sabin+Esportes&Cultura, que dá ao aluno a livre escolha entre onze modalidades esportivas e cinco culturais; o ensino de Inglês, estruturado em turmas de igual desempenho (respeitando-se, portanto, o potencial e o ritmo de aprendizado de cada um); ou os diversos módulos oferecidos para atender diferentes tipos de necessidade (de aprofundamento, de preparação para Olimpíadas, de reforço, etc.). Segundo o mantenedor, porém, não é raro acontecer de alunos receberem ajuda em situações pontuais que não estão sistematizadas na proposta pedagógica ou nos diferenciais do Colégio.

“Este ano, por exemplo, temos treze alunos que pretendem prestar o vestibular de Medicina da USP”, diz Godoi. “Nunca tivemos tantos – e isso já é indicativo de que a qualidade está aumentando, porque só demonstra interesse quem sabe que tem

chances reais de aprovação. Mesmo assim, decidimos oferecer um reforço, porque o curso na USP é bem concorrido: os treze, agora, têm carga horária aumentada e material didático específico de preparação para a prova de Medicina.”

Situação semelhante vem acontecendo nos Módulos Preparatórios para Olimpíadas de Matemática. Segundo o assessor de Matemática, Dalson Graça, recentemente, os professores começaram a perceber alunos que se destacavam até mesmo *entre o grupo do Módulo* – em teoria, já composto pelos estudantes de melhor desempenho na disciplina. “Decidimos que precisávamos oferecer conteúdo ainda mais avançado para eles, então, na prática, preparamos duas aulas diferentes”, diz o assessor. (Um dos motivos de haver diferenciação no próprio módulo é o número crescente de alunos participantes: em 2013, prestaram a prova de seleção 303 alunos, do 6º ano do Fundamental à 3ª série do Ensino Médio. Segundo Dalson, o recorde até então era de 100 alunos.)

Gisvaldo de Godoi faz a ressalva de que apresentar potencial não é o bastante se não houver comprometimento do estudante. Ele conta que, antes de incentivar os treze vestibulandos de Medicina, pediu-lhes que expusessem suas razões pela escolha do curso numa redação – e ficou satisfeito com o que leu. “Havendo vocação e vontade, nós sempre procuraremos investir.”

A ESCALADA DE ALEXANDRE MARUM

Em 2011, uma redação premiada lhe rendeu publicação no *site* do Instituto de Química da USP e participação na Olimpíada Paulista de Química (OPQ) no ano seguinte.

Em 2012, a medalha de bronze na OPQ lhe abriu caminho para a Olimpíada Brasileira (OBQ). Resultado: outro bronze e uma vaga na seletiva internacional.

Alexandre não foi aprovado, mas tirou o 25º lugar no País (4º no Estado).

Em 2013, com o Módulo de Aprofundamento de seis dias na semana e o vestibular de Medicina à vista, Alexandre vai disputar novamente a OPQ. Vaga ele já tem, por ter sido um dos 20 melhores treineiros da Fuvest em Ciências Exatas e Biológicas.



Alunos da 3ª série do Ensino Médio participantes do Módulo de Aprofundamento: oportunidade para a excelência.





Bianca Machado é aluna da 2ª série D do Ensino Médio, autora desta matéria e da ilustração.

Certificando seu futuro

As oportunidades de concluir o Ensino Médio com certificações de Inglês estão disponíveis para todos - e cada vez mais alunos aproveitam.

Há alguns anos, falar inglês seria um diferencial. Hoje, é requisito básico. Por isso, no Sabin, o Inglês é ensinado desde a Educação Infantil. E isso, certamente, é de grande importância, pois dá ao aluno uma base de conhecimento e a confiança para dialogar em um idioma que não é o seu de origem.

Depois de adquirir tal base, prestes a chegar ao 6º ano, o estudante é submetido a um teste que vai estabelecer qual o seu nível de domínio do inglês (no Sabin, a partir do 6º ano, as turmas organizam-se por desempenho, não mais por série escolar). Do TBI ao Advanced 6, há muitas mudanças e muito aprendizado. No nível FCE, o aluno começa a ser preparado especificamente para a prova denominada *First Certificate in English*.



Aí começam os *mocks*, simulados que antecipam provas reais (em inglês, *mock* pode significar imitação ou simulação), também aplicados nos níveis CAE (*Certificate in Advanced English*) e CPE (*Certificate of Proficiency in English*). Esses três níveis, em grau crescente de dificuldade, correspondem a exames criados pela Universidade de Cambridge e aplicados em mais de 130 países.

Os *mocks* deste ano já começaram. Na tarde de 28 de fevereiro, 128 alunos compareceram às salas de Inglês para serem avaliados: 94 para o FCE, 31 para o CAE e 3 para o CPE. Tal como as provas reais, os simulados do Sabin são divididos em cinco partes: 1) Reading; 2) Writing; 3) Use of English; 4) Listening; 5) Speaking. Dessas cinco, as quatro primeiras são sempre aplicadas, e a última apenas após o terceiro *mock*, quando o aluno já tem certeza de que se submeterá ao exame de verdade.

A boa adesão dos alunos não surpreende, segundo o professor de Inglês Roberto Prado: “Temos alunos conscientes das necessidades atuais e da importância do bom preparo. Eles são engajados e culturalmente comprometidos”. A aluna Giovanna Dias, da 2ª série D do Ensino Médio, que já possui o FCE e o CAE, confirma: “Os certificados me garantem oportunidades no mercado de trabalho e expandem meus horizontes, especialmente para um curso no exterior”.

Além da adesão, o sucesso dos estudantes do Sabin nos testes também é notável: mais de 90% de aprovações. É possível atribuir tal resultado à boa preparação oferecida pelos professores, sempre dispostos a tirar dúvidas e a dar aulas extras aos interessados. São eles que nos dizem se temos maturidade e conhecimento suficiente para realizar as provas.